

Juventudes camponesas: protagonizando esperanças, emancipando sujeitos¹

Alexandre Eduardo de Araujo

Universidade Federal da Paraíba (UFPB) – Bananeiras, Paraíba, Brasil.
e-mail: alexandreduardodearaujo@hotmail.com

Luana Fernandes Melo

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) – Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil.
e-mail: luanaagroecologia@hotmail.com

Luana Patrícia Costa Silva

Universidade Federal da Paraíba (UFPB) – João Pessoa, Paraíba, Brasil.
e-mail: luana_gca@hotmail.com

Resumo

O objetivo do trabalho foi elucidar questões inerentes ao protagonismo e percepções dos jovens camponeses nos processos de desenvolvimento rural. Trata-se de um estudo a partir da observação participante junto às atividades da 1ª turma do curso Residência Agrária Jovem, acontecido como parte do Projeto intitulado “Juventude Rural: fortalecendo a inclusão produtiva na Zona da Mata e Brejo Paraibano” do PRONERA/UFPB/CNPq. O processo de aprendizagem do projeto foi realizado pela metodologia de alternância em tempos escola e tempo comunidade. Notou-se que o curso fez com que os estudantes enxergassem a força, potencial e coragem que tinham e que estava resguardada. O curso não só contribuiu para o crescimento pessoal dos discentes, mas também para que adquirissem mais conhecimento sobre reforma agrária, agroecologia, agricultura orgânica, elaboração de trabalhos, projetos e outras questões teóricas e práticas. O Residência Agrária Jovem fez com que as juventudes se autoconhecessem, melhorando sua visão política, otimizando a inserção das dimensões ecológica e técnico-econômica no processo produtivo local, e fazendo com que a dimensão social se entrelace em suas vidas para que possam ter melhor qualidade de vida e contribuir para a soberania alimentar.

Palavras-chave: Agroecologia; soberania alimentar; agricultura.

Peasant youth: leading hopes, emancipating subjects

Abstract

The objective of this work was to elucidate issues inherent to the protagonism and perceptions of young peasants in rural development processes. It is a study developed through the participant observation of the activities of the 1st group of the course Youth Agrarian Residence, which took place as part of the Project entitled “Rural Youth: Strengthening Productive Inclusion in the Zona da Mata and Brejo Paraibano” of PRONERA / UFPB / CNPq. The learning process of the project was carried out using the alternating methodology. It was noted that the course made the students see the strength, potential and courage they had and that was previously safeguarded. The course contributed not only to more intimate issues, but also to learners’ knowledge concerning agrarian reform, agroecology, organic agriculture, elaboration of works, projects and other theoretical and practical issues. The Young Agrarian Residence made the youths self-conscious, improving

¹Trabalho desenvolvido com financiamento por meio da chamada MCTI/MDA-INCR/CNPQ Nº 19/2014, do Projeto “Juventude rural: fortalecimento da inclusão produtiva na Zona da Mata e Brejo Paraibano”.

their political vision, optimizing the insertion of the ecological and technical-economic dimensions in the local productive process, and making the social dimension intertwine in their lives so that they can have a better quality of life and contribute to food sovereignty.

Keywords: Agroecology; food sovereignty; agriculture.

Juventudes campesinas: protagonizando esperanzas, emancipando sujetos

Resumen

El objetivo del trabajo fue elucidar cuestiones inherentes al protagonismo y percepciones de los jóvenes campesinos en los procesos de desarrollo rural. Se trata de un estudio a partir de la observación participante junto a las actividades de la 1ª clase de la Residencia Agraria Joven, acontecida como parte del proyecto titulado " Juventud Rural: fortaleciendo la inclusión productiva en la Zona de la Mata y Brejo Paraibano " del PRONERA / UFPB / CNPq. El proceso de aprendizaje del proyecto fue realizado por la metodología en alternancia. Se notó que el curso hizo que los estudiantes veían la fuerza, potencial y coraje que tenían y que antes estaba resguardada. El curso contribuyó no sólo con cuestiones más íntimas, pero también en relación a los discentes tener un mayor conocimiento sobre reforma agraria, agroecología, agricultura orgánica, elaboración de trabajos, proyectos y otras cuestiones teóricas y prácticas. La residencia agraria joven hizo que las juventudes se permitieran auto-conocer, mejorando la visión política de los mismos, optimizando la inserción de la dimensión ecológica y técnico-económica en el proceso productivo local, y haciendo que la dimensión social se entrelaza en sus vidas para que puedan tener mejor calidad de vida y contribuyan con la soberanía alimentaria.

Palabras-claves: Agroecología; soberanía alimentaria; agricultura.

Introdução

O estudo deste tema tem como intuito fazer uma síntese de observações sobre como os jovens agricultores(as) e filhos(as) de agricultores(as) familiares assentados(as) da reforma agrária e/ou moradores(as) de comunidades rurais, dos territórios paraibanos da Zona da Mata, Borborema e Piemonte, podem enxergar o campo e colaborar para a sua consolidação e encadeamento enquanto espaço emancipatório, já que está havendo um aumento do esvaziamento da população campesina, e como as contribuições do curso de extensão, por meio das dimensões política, técnico-econômica, ecológica e social se entrelaçam em sua vida.

Os fatores que podem fazer parte desse esvaziamento podem incluir a falta de incentivo do governo para maiores investimentos em políticas públicas, carência de extensão rural de qualidade e que realmente chegue aos agricultores, violência no campo, pressão do capitalismo, desvalorização da identidade campesina, avanço da territorialização do agronegócio, interferências dos fatores climáticos, entre outros.

Com isso, o foco central deste trabalho é também dar visibilidade às juventudes camponesas, ao meio onde vivem, aos pensamentos, ideias, trabalhos e ações por eles realizados. Diante de muitas realidades, os jovens podem ser considerados como um fator

chave para o desenvolvimento sustentável do campo e novas conquistas locais e mundiais, já que muitos são autênticos, esperançosos, têm atitude, lutam e fazem produção e comercialização agrícola local com preservação do meio ambiente, ou seja, pleiteiam por uma sociedade melhor e mais justa. É o que se pode depreender das seguintes palavras de Castro (2009):

No final do século XX e nesse início do século XXI temos presenciado um grande impulso no debate sobre juventude. Permeada por definições genéricas, associada a problemas e expectativas, a categoria tende a ser constantemente substantivada, adjetivada, sem que se busque a auto-percepção e formação de identidades daqueles que são definidos como “jovens”. Um grande desafio é dessubstancializar essas categorias e procurar compreendê-las em seus múltiplos significados.

É relevante lembrar que os desafios que as juventudes do campo enfrentam nascem nas trincheiras das lutas inerentes à questão agrária, em que o acesso à terra, moradia, educação contextualizada, segurança alimentar, lazer, meios de produção são requisitos mínimos ao exercício pleno de seus direitos. Um primeiro desafio das juventudes é a preparação para assumir o protagonismo das diferentes bandeiras que constituem o leque de enfrentamentos dos movimentos sociais do campo. Desta forma, trabalhar os fatores inerentes à reprodução social, fortalecendo a identidade camponesa, a partir da inserção das juventudes em suas comunidades e na sociedade em geral, faz-se urgente. A esse respeito, convém apresentara a seguinte consideração:

Hoje, no Brasil, vivemos uma efervescência política, nossos jovens se deparam com desafios ainda maiores, em que não basta ter somente um ambiente equilibrado, as condições de viver, mas também é preciso transformar as relações sociais, políticas, sobretudo na luta por direitos e justiça (SALDANHA; CALIXTO; BERTE, 2015, p. 5).

Com isso, procuram-se elucidar neste trabalho questões inerentes ao protagonismo e percepções dos jovens camponeses quanto ao meio rural a partir da formação desenvolvida no âmbito do curso Residência Agrária Jovem, em seu caráter multidimensional, considerando, nos aspectos de formação, as dimensões política, técnico-econômica, ecológica e social.

Analisando aspectos que envolvem as juventudes

Em 2010, no Brasil, 15,65% da população (29.852.986 pessoas) viviam no campo, enquanto 84,35% na zona urbana (160.879.708 pessoas). Entre os municípios, 67 tinham 100% de sua população vivendo no meio urbano e 775 com mais de 90%. Por outro lado, apenas nove tinham mais de 90% de sua população vivendo no campo (IBGE, 2010a). Além

de as pessoas chegarem nas cidades despreparadas para a vida urbana, as cidades não estão preparadas para os contingentes populacionais que nelas podem habitar. Por outro lado, o esvaziamento no campo é uma situação preocupante, que se interliga com vários outros aspectos, como produção, acesso e distribuição de alimentos, monopólio da riqueza, concentração do poder, degradação ambiental e aumento da vulnerabilidade da agricultura familiar.

A agricultura familiar produz cerca de 80% dos alimentos no mundo, o que significa dizer que é vital para a solução do problema da fome, que atinge mais de 800 milhões de pessoas e é guardiã de cerca de 75% de todos os recursos agrícolas do mundo, sendo fundamental para a melhoria da sustentabilidade, dos recursos naturais e do acesso à alimentação, sendo nove em cada dez das 570 milhões de propriedades agrícolas no mundo geridas por famílias, fazendo com que a agricultura familiar seja a forma mais predominante de agricultura e, conseqüentemente, um potencial e crucial agente de mudança para se ter soberania alimentar e alcançar segurança alimentar sustentável (FAO, 2014).

No Brasil, o censo demográfico mostrou a continuidade do processo de diminuição do volume da população do campo, em que se emigraram 2 milhões de pessoas entre 2000 e 2010, contingente que majoritariamente se deslocou para as áreas urbanas, o que denota a preocupação com a soberania e segurança alimentar que o Brasil pode enfrentar, já que a população do campo contribui enormemente para a produção de alimentos, sem falar no crescimento de mortes de jovens associado à violência (IBGE, 2010b). Segundo divulgação feita pelo IBGE (2004):

Entre 1980 e 2003, a incidência desse tipo de morte entre jovens do sexo feminino sofreu pequena variação: indo de 18 para 22 óbitos a cada 100 mil jovens. Com o sexo masculino o quadro foi outro. No mesmo período, houve aumento de 121 para 184 óbitos a cada 100 mil. Portanto, em 2003, morriam cerca de dez vezes mais jovens do sexo masculino que do feminino.

Historicamente, as juventudes do campo não são focos prioritários para as políticas públicas de juventudes, o que pode contribuir para a emigração. Ao se pensar no esvaziamento no campo, o contexto pode remeter a interferências diretas na biodiversidade, que, segundo Torquato e Berte (2015, p. 64): “O Brasil é responsável por 20% da biodiversidade do planeta. Associada a essa biodiversidade está o conhecimento dos povos e comunidades tradicionais”. Porém, conforme os referidos autores advertem:

A desvalorização dessas tradições e da biodiversidade pode expor mais os jovens à violência, as comunidades podem não contar com os jovens para garantir sua sucessão geracional e a transmissão desses saberes, a

promessa da floresta em pé pode ficar comprometida se não usarmos a biodiversidade e seu valor, o conhecimento tradicional pode se perder, ao longo dos anos, se os jovens não o conhecerem (TORQUATO; BERTE, 2015, p. 65).

Uma verdadeira política de desenvolvimento do campo deve associar a atribuição de ativos aos jovens - dos quais o mais importante é uma educação com a oferta de um ambiente que estimule a formulação de projetos inovadores que façam do campo, para eles, não uma fatalidade, mas um desejo ou mais uma opção de vida, uma vez que seria interessante, no caso daqueles que pretendem se estabelecer como agricultores, que sua implantação fosse acompanhada e mesmo condicionada à elaboração de um projeto técnico consistente adequada a cada realidade (ABRAMOVAY, 2005).

Para as juventudes camponesas serem protagonistas e emancipadas, elas precisam de um conjunto de fatores, onde modo que é fundamental que reivindicuem e reinventem outras formas de estarem no mundo, mais solidárias, justas, sustentável e com anseios, e vivenciem uma relação de respeito e equilíbrio entre humanidade e natureza, para daí colaborarem com a garantia da soberania alimentar. Que segundo Vinha (2015):

É na década de 1990 que a soberania alimentar surge enquanto conceito. Foi lançada pela Via Campesina em seu Segundo Encontro Internacional, evento concomitante à Cúpula Mundial sobre a Alimentação, momento no qual a soberania alimentar traduziu-se como enfrentamento e contestação às políticas agrícolas neoliberais impostas pela Organização Mundial do Comércio e pelo Banco Mundial (BM).

Vinha (2015) diz que os movimentos sociais defendem que a soberania alimentar salienta a autonomia dos povos e comunidades e vai muito além da garantia de acesso a qualquer tipo de alimento, sendo uma política em que as famílias camponesas, indígenas e quilombolas recuperam o poder da produção e consumo local de alimentos saudáveis e que não utilizam agrotóxicos, ou seja, de origem transgênica, vendo a garantia da produção e qualidade de alimentos em estreita relação com os sujeitos envolvidos, processo no qual os agricultores visam, querem e têm renda, diferente de outras lógicas que não relacionam agricultura com os meios social, cultural e ambiental. Ainda sobre a soberania alimentar, a Via Campesina Internacional (2014) faz a seguinte consideração:

Soberania Alimentar é o direito dos povos do mundo para decidir suas próprias políticas alimentares e agrícolas, dando preferência aos sistemas de produção e de distribuição local, nas mãos dos camponeses e agricultores familiares, que atendem a necessidades da população.

De acordo com a Via Campesina Internacional (2015), camponeses e pequenos produtores são responsáveis por mais de 70% dos alimentos consumidos globalmente; com apenas 30% da terra, isso mostra como a agricultura familiar está inter-relacionada com a

soberania alimentar. Explicita que a agroecologia, baseada na soberania alimentar, é uma chamada para mudar o sistema e alimentar o mundo e já que ela não se resume apenas a sustentabilidade, deve-se defendê-la como uma concepção de vida e de mundo, como a linguagem da natureza, e protegê-la dos ataques por parte de empresas, que podem provocar agressões ao meio ambiente, desestabilizar os mercados locais e impulsionar camponeses e agricultores familiares para fora de sua terra e longe de seus territórios, podendo contribuir assim para o esvaziamento do campo.

Procedimentos metodológicos

Trata-se de um estudo a partir da observação participante junto às atividades da 1ª turma do Residência Agrária Jovem, acontecido como parte do projeto intitulado “Juventude Rural: fortalecendo a inclusão produtiva na Zona da Mata e Brejo Paraibano” do PRONERA/UFPB/CNPq, o qual foi desenvolvido nos Territórios da Borborema, Zona da Mata Norte e Sul e Piemonte da Paraíba, nos anos de 2015 e 2016, com o público formado por 34 jovens filhos e filhas de agricultores familiares assentados da reforma agrária e/ou moradores de comunidades rurais, com idade entre 15 e 29 anos, com ensino médio completo e que já participavam de ações extensionistas, educativas ou organizativas junto à sociedade civil organizada, movimentos sociais ou órgãos do estado.

O processo de aprendizagem do projeto foi realizado pela metodologia em alternância, que se distribuiu em dois momentos educativos complementares e integrados: tempo escola e tempo comunidade. O tempo escola foi dividido em três módulos de 54 horas cada um, na qual aconteceram aulas teóricas e práticas, totalizado 162 horas. E o tempo comunidade da mesma maneira, foi dividido em 3 módulos, totalizando 160 horas. Os tempos teóricos e práticos somaram em 322 horas.

O intuito do tempo escola foi o de conduzir a aprendizagem a partir de assuntos sobre a vitalização da questão agrária e de produção sustentável com base agroecológica, resgate histórico das lutas vivenciadas pelas pessoas do campo, zoneamento agrícola, agroecologia *versus* agronegócio. Dentre as atividades presenciais desse tempo, foram realizadas visitas de intercâmbios às comunidades e assentamentos com experiências consolidadas de produção, organização, agroindustrialização, cooperativismo e integração com políticas públicas conquistadas pela Agricultura Familiar, a exemplo do Programa Nacional de Alimentação Escolar - PNAE e do Programa de aquisição de Alimentos – PAA.

O tempo comunidade foi acompanhado pela equipe de Coordenação Política Pedagógica – CPP do projeto, onde em que os estudantes desenvolveram em sintonia com as dinâmicas locais as atividades definidas no tempo escola, aprimoraram o que já existia em seus devidos locais ou retomaram o que estava parado. Sendo assim, aperfeiçoando e

melhorando as atividades, usaram seus conhecimentos para otimizar seus espaços produtivos mediante relação homem-natureza, interação família-filho, produção orgânica, agroecológica, não utilização de produtos químicos nos cultivos, transição agroecológica, entre outros, e mobilizaram outras pessoas da comunidade acerca da relevância da agricultura e como ela deve ser estabelecida em prol da emancipação dos sujeitos do campo. Nesse tempo, alguns educandos que moravam em comunidades próximas, optaram por fazer as atividades práticas em grupo.

Os educandos do curso passaram por uma formação contextualizada com suas realidades, a partir da qual se buscou potencializar as vocações existentes, tanto no aspecto teórico quanto prático. Para o ingresso dos educandos no curso, foi efetuada uma seleção, que se constituiu de entrevista oral e redação sobre a necessidade de pessoas que promovessem o desenvolvimento agrário sustentável, solidário e a agroecologia.

A partir das redações feitas por todos os educandos do curso (34) sobre suas principais perspectivas, pensamentos e anseios em relação à agricultura, com eles se inserindo nos aspectos agrários, foi realizado, neste estudo, um levantamento dessas informações que serviram como base para identificar quais as percepções concernentes à agricultura.

Os textos elaborados em redações pelos estudantes trouxeram muitos sentidos de várias realidades, interpeladas de acordo com a vivência e a história de cada pessoa e de acordo com a forma de ler e sentir esses locais por cada um. Tentou-se trazer uma visão geral, mas com partes específicas, diante de uma releitura do que eles passaram na escrita, na partir da qual foi traçado alguns pontos citados e discutidos com mais ênfase pela maioria dos educandos, tentando expressar os pontos na própria linguagem deles, para ser mais fiel ao que foi colocado, uma vez que, os educandos puderam pensar dentro de uma mesma lógica sobre o mesmo item.

Além das percepções identificadas por meio das redações, também foi elaborado um levantamento com todos os educandos do curso, destacando problemáticas que para muitos permeiam os espaços do campo. E, por último, foi feito um recorte do projeto, selecionando 6 educandos, apresentando a contribuição do curso no contexto de vida deles e como o curso colaborou politicamente, técnico-economicamente e socialmente.

Referente ao recorte do projeto, foi realizada uma entrevista aberta, semiestruturada, com os seis educandos, para a qual foi preparado um roteiro com as dimensões dos processos formativos, considerando os aspectos sociais, técnico-econômicos, ecológicos e políticos.

Resultados

De acordo com as percepções de todos os educandos concernentes à agricultura, 24 destacaram o ponto do “fortalecimento da juventude”, como pode ser observado no Gráfico 1, abordando que, para fortalecer, deve haver uma melhoria e/ou criação de políticas públicas, projetos e investimentos no campo. Justificam essa necessidade pela falta de oportunidades para os jovens permanecerem no campo, sem projetos voltados para a realidade deles. Desta forma, ficam impossibilitados de colaborar e dialogarem com suas realidades, de suas famílias e de suas próprias vidas, assim, alguns ficam desesperançosos e desestimulados de permanecer nesses ambientes.

Gráfico 1: Algumas percepções nos textos dos educandos



Fonte: Elaboração dos autores.

Outro item citado em muitos momentos foi com relação à “qualidade de vida”; 11 chamaram a atenção para a “qualidade de vida” ligada à saúde e à alimentação saudável, mostrando sua importância enquanto jovem para a comunidade e a colaboração que eles podem vir a dar nesses lugares. Já 8 citaram a importância dos recursos naturais e de sua preservação, cuidado, manejo e práticas adequadas.

Quando os educandos colocavam o valor das tradições de cada comunidade, eles citavam as práticas utilizadas e ensinamentos passados de geração em geração. Nesta parte, foi colocada a importância do resgate de algumas práticas alternativas e, em outros momentos, da reavaliação de outras questões, como a utilização de queimadas e o uso de agrotóxicos.

Os educandos explanaram acerca da modernidade e do avanço e uso das tecnologias como fator de grande influência para essa geração, podendo afetar de forma significativa, tanto positivamente como negativamente, a vida de cada um. Alguns se referiram à necessidade do uso dessas tecnologias para as juventudes, buscando maneiras

para que esse mundo tão atrativo possa colaborar mais para o desenvolvimento das atividades no campo, entretanto, contemporaneamente, vem ocorrendo o aumento da degradação ambiental e da utilização dos recursos naturais.

Muitos dos educandos selecionados já estavam em interação com algumas dinâmicas formativas em localidades diversas; outros já possuíam como formação em curso técnico profissionalizante. Diante disso, eles salientaram o uso de práticas alternativas como sendo de sumária importância para as juventudes e suas famílias nos processos produtivos no campo e as necessidades de essas práticas serem alcançadas e socializadas entre os vários sujeitos.

Outra questão o assunto que chamou a atenção é quando alguns deles referem que essas juventudes devem estar ocupando os espaços, participando de discussões para formação de uma consciência política, para dialogar com o campo, contribuindo junto à família, comunidade acampamento e assentamento.

Outros pontos também foram destaques nas percepções dos educandos, como a convivência com o meio, sendo possível entender suas limitações e respeitá-las, a preocupação com as futuras gerações e o lugar que irão deixar para elas.

Eles frisaram ainda a necessidade de diálogo com as juventudes da cidade, os jovens urbanos precisam entender a importância do campo para sobrevivência humana, para a soberania alimentar, sustentabilidade e etc. Ainda, destacaram a valorização das mulheres dentro desse campo, do meio rural, das áreas produtivas, valorização do trabalho e da mulher enquanto sujeito de direito. E, por fim, ressaltaram a economia como fator relevante dentro desses processos produtivos, entretanto, que esta deve conectar-se com os outros tantos fatores, a exemplo dos: sociais, culturais e ambientais.

Além das percepções identificadas, vontades, desejos, anseios, sonhos, os educandos também destacaram problemáticas que por muito permeiam os espaços do campo, cada um em sua realidade, pontuando o que lhe afligia. Dentre estas, foram retratadas problemáticas tais como a preocupação com o desmatamento e o uso de agrotóxicos, como pode ser observado no Gráfico 2. Muitos se inquietam com essa difícil realidade no campo e fazem uma discussão enfocando a importância do trabalho de conscientização dos que ocupam esses âmbitos, pois eles identificam este quesito como imprescindível, pois pode afetar a saúde da mulher, do homem e do meio ambiente.

Gráfico 2: Principais problemáticas identificadas pelos educandos



Fonte: Elaboração dos autores.

Outra problemática apontada foi a saída das juventudes camponesas para outros lugares, seja pelas configurações citadas acima ou por outros fatores como o não incentivo do governo frente a aspectos de áreas degradadas e matriz antiecológica de produção herdadas pelas comunidades e assentamentos, dificultando o trabalho dos agricultores. Daí, diante da falta de várias possibilidades aos jovens, eles tendem a buscar oportunidades de trabalho e geração de renda fora do campo, nos grandes centros. Assim, fica ainda mais notória a necessidade de processos e de investimentos voltados para as juventudes camponesas, como já foi enfatizado anteriormente.

Alguns dos educandos destacaram os altos investimentos no agronegócio, comparados com investimentos feitos na agricultura camponesa, e se preocupam com o futuro diante disso;, temem que o campo se esvazie pela falta de políticas, pela não valorização desse trabalho que alimenta o povo, temem, mas acreditam que esta realidade pode e já está se redesenhando, buscando novas formas e que, a partir da luta e da formação, será possível ocupar, trabalhar, cuidar da terra e dos povos que nela se encontram, para isso conquistarem a soberania alimentar.

Com isso, é preciso garantir que as juventudes tenham suas demandas atendidas e respeitadas, que os jovens se sintam parte de um processo de decisão e tenham ali depositadas as suas esperanças de um modo mais justo, igualitário e feliz, e que possam colaborar com a sustentabilidade e o desenvolvimento de um país que afirma e reconhece suas juventudes como principais sujeitos desse crescimento (SALDANHA; CALIXTO; BERTE, 2015).

Além de algumas questões destacadas em relação às percepções identificadas e problemáticas vistas pelos educandos, observa-se no Gráfico 3 como o curso contribuiu no contexto de vida das juventudes.

Gráfico 3. Contribuição no contexto de vida



Fonte: Elaboração dos autores.

Notou-se que o curso ajudou na mudança de atitude e de percepção no que se refere a vários fatores e, com isso, fez com que os estudantes enxergassem a força, potencial e coragem que tinham e que antes estavam resguardadas. Atualmente, sabem que podem lutar, batalhar e daí mudar, seja a mudança de uma área, da realidade, do uso de resíduos químicos nas produções, entre outros. Eles agora estão inspirados, autoconfiantes e com senso libertador, viram que o campo não pode mais ser deturpado, nem pelo povo da própria comunidade, achando que o campo e agricultura não têm valores, nem por outras pessoas, de modo que, após o curso, passaram a perceber que a agricultura familiar tem uma grande importância e que os eles próprios podem ajudar mais na sua comunidade.

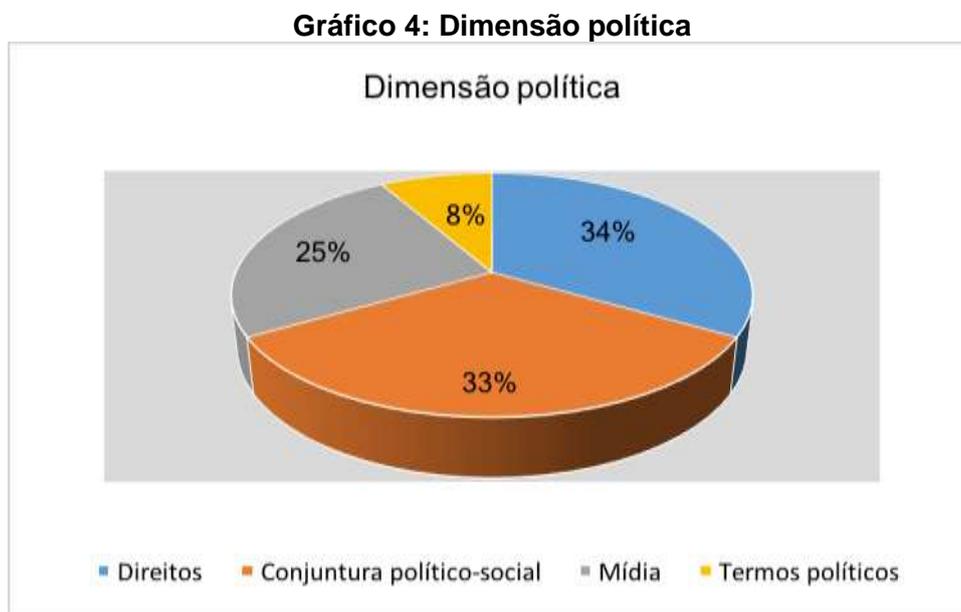
Outro aspecto relevante observado foi a perda da timidez, pois, como tinham que conviver em conjunto no curso, no tempo escola, e os acontecimentos do dia-a-dia iam sendo compartilhados, a relação com as pessoas, com o passar do tempo, ia melhorando, facilitando e influenciando positivamente o desenvolvimento de cada um.

O assunto sobre convivência também foi relatado, da relação muito próxima que tiveram uns com os outros; daí foram se tornando uma família, considerando uns aos outros como amigos e irmãos. Alguns jovens sentem que na Universidade os acontecimentos se dão de forma diferente, que este ambiente não é igual ao espaço que o curso proporcionou. No curso, conseguiam se expressar melhor, se sentiam bastante à vontade e como a realidade dos colegas era basicamente a mesma, isso contribuiu bastante. Também citaram que a convivência com a Coordenação Político Pedagógica (CPP) era muito boa e harmoniosa, o que facilitava todo o processo.

O curso ajudou não só com questões mais íntimas, de caráter pessoal, mas também em relação aos discentes terem adquirido mais conhecimento sobre reforma

agrária, agroecologia, agricultura orgânica, elaboração de trabalhos, projetos e outras questões teóricas e práticas, sendo assim, refletindo assim do mesmo modo nas atitudes e ações diárias, ou seja, na vida.

Da mesma maneira, buscou-se analisar a dimensão política. No Gráfico 4, observa-se como resultou o aprimoramento político dos educandos:



Fonte: Elaboração dos autores.

Dentre os educandos que participaram da pesquisa, alguns discorreram a otimização do conhecimento proporcionado pelo curso; agora sabem sobre seus direitos, a exemplo dos que são relacionados a políticas públicas direcionadas ao camponês, inclusão social, agricultura, saúde, educação, moradia e outros, ou seja, não querem mais ser espoliados pelas classes dominantes e, com isso, estão buscando se empoderar mais, participar mais dos movimentos sociais, associações e buscando uma vida com mais qualidade, através de mais projetos para associação, e de outras lutas, nas quais possam exprimir que a maioria da sociedade não pode ficar em situação carente e difícil enquanto os políticos vivem outra realidade.

Uns educandos passaram a ter uma melhor visibilidade da conjuntura político-social da situação do Brasil atualmente, a entender mais sobre a sociedade capitalista e agronegócio e como eles veem os agricultores familiares e assentamentos, visualizaram a influência que o capitalismo pode vir a causar no mau uso do solo e uso de agrotóxicos e, como consequência, prejudicar a população.

A mídia foi outro fato comentado pelas juventudes, que explicitaram que o que é passado para a população deve ser analisado com cautela, uma vez que costuma mostrar o que é mais conveniente, ou seja, na televisão se vê uma coisa; já a realidade costuma ser

outra. Por fim, em relação a esta dimensão, foi visto ainda que houve um melhor aperfeiçoamento no curso no que diz respeito aos termos políticos.

Outro assunto exposto foi em relação à dimensão técnico-econômica, especialmente no que concerne a aspectos relacionados às formas de produzir com práticas agrícolas sustentáveis e de gerar renda a partir da aplicação de técnicas agroecológicas, conforme demonstrado no Gráfico 5:



Fonte: Elaboração dos autores.

A partir da instrução obtida, aconteceram trocas de conhecimentos; os estudantes levaram os ensinamentos, principalmente das práticas, não apenas para sua família, mas para vizinhos, amigos, colegas de escola, ensinando plantio, manejo e ministrando cursos de capacitação.

Foi possível enxergar a importância da horta, da soberania alimentar, da produção do próprio alimento, do consumo e venda de produtos sem veneno, sendo assim, os estudantes passaram a querer em continuar realizando as práticas agroecológicas com as hortas em seus assentamentos e comunidades e, se ainda não as realizavam, passaram a querer realizá-las, para terem em vista adquirir sua soberania alimentar.

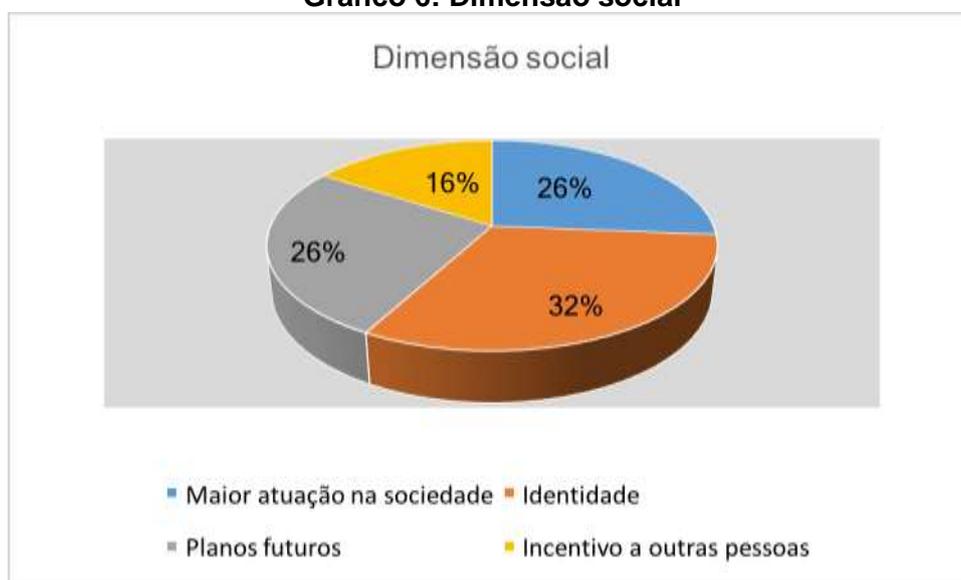
Houve um melhor aperfeiçoamento de algumas práticas nos espaços que os educandos residiam, como do uso das plantas medicinais, cultivos de pastagens para os animais, melhor aproveitamento do terreno, cuidado com a terra, e inicialização de outras práticas, a exemplo do uso de biofertilizantes, compostagem, retirada de agrotóxicos, não realização de queimadas, entre outras.

Sobre o aumento da renda, os educandos relataram que, apesar do grande aprimoramento que tiveram no curso, a elevação da renda foi pouca, mas o suficiente para

continuarem as atividades, outros pronunciaram que ainda não tiveram, mas que as ações estabelecidas no curso foram de extrema relevância, pois gostaram de todo o percurso do curso e ficaram estimulados em se aprofundarem nos estudos. Daí fizeram a seleção e foram aprovados em processos seletivos na área agrária, em cursos técnicos de agropecuária e agroindústria.

Quando se tratou da dimensão social, a interferência do processo de aprendizagem na vida social dos educandos propiciou mais lucidez no reconhecimento de suas identidades e na necessidade de atuação propositiva junto à sociedade, conforme demonstrado no Gráfico 6, a seguir.

Gráfico 6: Dimensão social



Fonte: Elaboração dos autores.

Os educandos do curso admitem que estão mais atuantes na sociedade, participando mais da associação, reuniões do sindicato, núcleos de extensão, igreja, marchas, fóruns de reforma agrária, congressos em outros estados, eventos voltados para a agricultura familiar, agroecologia, juventudes e territorialidades, entre outros. Concernente a uma maior atuação, alguns discentes, do mesmo modo, estão fazendo parte da secretaria de direção da escola da comunidade, presidência da associação, representação da juventude em conselhos locais e estaduais. Outro aspecto relevante foi o despertar do interesse para continuarem seus estudos em ambiente universitário, seja em cursos superiores ou em cursos profissionalizantes.

Acerca da identidade, as juventudes redescobriram quem elas são o que gostam de fazer, o que realmente querem da vida, qual o seu papel na sociedade, despertaram seus talentos e habilidades, ainda que hoje em dia se expressam e debatem melhor, com maior segurança referente a diversos temas, como agroecologia, movimentos sociais, meio

ambiente, recursos hídricos, agrotóxicos, reforma agrária, sem receio do que esteja ao redor. Reconhecem-se nos movimentos a partir dos quais já vêm tomando seus espaços e, além de tudo, agora conseguem ouvir e lidar melhor com diferentes sujeitos na sociedade.

Ainda no tocante à identidade, existiu uma ligação com a ideia de mais valorização e reconhecimento da proeminência da família e a tudo que tinha aos seus redores e vice-versa, pois a família e amigos também ficaram felizes com a mudança desses jovens. Uma jovem relatou que até tentou sobreviver fora do campo, mas a experiência não deu muito certo. Os educandos falaram também em liberdade; atualmente, veem o mundo com outros olhares, com mais vontade de desfrutar a vida e sentem orgulho das suas origens e do que realizam, enxergando o campo com outra visão e dando mais contribuição para a comunidade.

Os planos futuros dessas juventudes são muitos, eles ficaram tão incitados que até se inscreveram e já estão fazendo cursos técnicos, de inglês, e pensam em continuar na inserção dos eventos científicos e em fazer cursos de graduação e mestrado.

O incentivo dos jovens a outras pessoas também existiu. Depois da vivência do curso, alguns educandos estão incentivando outros jovens camponeses a participarem de cursos, aprimorarem os estudos, buscando aspectos conhecimentos não só para si, mas para todos e afirmam que um dia as pessoas vão pensar e repensar sobre a importância da agricultura.

O processo de formação proporcionou bons resultados, pois os educandos puderam se enxergar melhor no meio agrícola, sabendo a importância de cada um deles na continuidade da agricultura, especialmente nas que abordam sistemas de produção agroecológicos, de modo que o processo possibilitou que os jovens enxergassem seu papel no campo, percebendo sua relevância também na garantia da soberania alimentar.

A metodologia de alternância e a resolução de problemas reais enfrentados pelos educandos foram essenciais, pois colaboraram para a desalienação, a conscientização, o empoderamento, a instrumentalização e a politização dos jovens nas questões que envolvem a agricultura em seus aspectos gerais, ficando claro aos jovens a infinitude que é a agroecologia, já que influencia enormemente os sistemas de produção que favorecem o meio ambiente e é contra o uso de agrotóxicos, já que provocam grandes riscos à população e ao solo, pois podem ser usados tanto na produção quanto no armazenamento de alimentos.

Percebeu-se que a metodologia de alternância também foi promotora de desenvolvimento das competências cidadã e social, pois fez as juventudes do campo reconhecerem seus valores, saberem que têm muito a coadjuvar no mundo, que são capazes de promover uma melhoria no campo e no desenvolvimento local.

As juventudes puderam entender que são cruciais nos processos agrícolas familiares e que, por meio da soma de construir forças, e juntas podem conquistar a soberania alimentar, em de modo que a cultura, o estilo de vida, o zelo e amor pelas sementes da paixão e pela terra não podem ser tiradas do agricultor, pois a agricultura familiar é vida e cor, podendo gerar harmonia, equilíbrio, paz e saúde.

Considerações finais

O curso Residência Agrária Jovem fez com que as juventudes se autoconhecessem, com novos pensamentos acerca do contexto agrário, melhorando sua visão política, otimizando a inserção da dimensão ecológica e técnico-econômica no processo produtivo local, trazendo a agroecologia como uma bandeira e fazendo com que a dimensão social se entrelaçasse em suas vidas para terem melhor qualidade de vida e para que assim pudessem contribuir para sua própria soberania alimentar.

Com isso, para que as juventudes camponesas possam coadjuvar em suas realidades, elas precisam ter seus direitos assistidos e garantidos, daí poderão desenvolver o potencial para tomarem decisões, fazer escolhas de vida, obter conquistas e realizar as mudanças de que o mundo precisa. Sendo assim, é preciso que a intencionalidade se faça presente nos meios político, social, ecológico e técnico-econômico, refletindo em ações concretas na realidade específica dos jovens do campo, propiciando-lhes espaços formativos para que catalisem suas capacidades em promover o protagonismo nos processos de desenvolvimento sustentável e assegurar soberania alimentar e emancipação política no campo.

Referências

ABRAMOVAY, Ricardo. "Juventude rural: ampliando as oportunidades". **Raízes da Terra: parcerias para a construção de capital social no campo**. Brasília – DF, Secretaria de Reordenamento Agrário do Ministério do Desenvolvimento Agrário, Ano 1, n. 1, abr. 2005.

CASTRO, Elisa Guaraná de. Juventude rural no Brasil: processos de exclusão e a construção de um ator político. **Revista Latino-americana de Ciências Sociais, Niñez y Juventud**, Manizales, v. 7, n. 1, jan.-jun. 2009. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S1692-715X2009000100008&script=sci_arttext <>. Acesso em: 27 jun. 2017.

FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS - FAO. **Innovation in Family Farming**. Roma: United Nations, 2014. Disponível em: <http://www.fao.org/3/a-i4040e.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Cresce o número de mortes violentas de jovens**. Brasília: IBGE Teen, 2004. Disponível em: <http://teen.ibge.gov.br/noticias-teen.html>>. Acesso em: 16 ago. 2017.

_____. **Censo 2010:** população do Brasil é de 190.732.694 pessoas. Brasília: IBGE, 2010a. Disponível em: <<http://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo.html?view=noticia&id=3&idnoticia=1766&busca=1&t=censo-2010-populacao-brasil-190-732-694-pessoas>>. Acesso em: 16 ago. 2017.

_____. **Censo 2010.** Brasília: IBGE Teen, 2010b. Disponível em: <<http://teen.ibge.gov.br/censo/censo-2010.html>>. Acesso em: 16 out. 2017.

SALDANHA, A; CALIXTO, D; BERTE, M. A juventude busca pela sustentabilidade: da agenda 21 ao pós-2015. **Juventude e Meio Ambiente:** Revista do Ministério do Meio Ambiente, Brasília, n. 2, p. 5-7, 2015.

TORQUATO, D; BERTE, M. Juventude e Biodiversidade: sociobiodiversidade, patrimônio nacional. **Juventude e Meio Ambiente:** Revista do Ministério do Meio Ambiente, Brasília, n. 2, p. 64-65, 2015.

VIA CAMPESINA INTERNACIONAL. **16 de outubro, Dia Mundial de Ação para a Soberania Alimentar e contra as empresas transnacionais.** A VIA CAMPESINA, 2014. Disponível em: <<http://viacampesina.org/en/index.php/actions-and-events-mainmenu-26/stop-transnational-corporations-mainmenu-76/1677-october-16th-world-day-of-action-for-food-sovereignty-and-against-transnational-corporations>>. Acesso em: 12 out. 2017.

VIA CAMPESINA INTERNACIONAL. **“Nós não temos outra saída do que ganhar soberania alimentar”, Via Campesina na COP21**”. A VIA CAMPESINA, 2015. Disponível em: <<http://viacampesina.org/en/index.php/actions-and-events-mainmenu-26/-climate-change-and-agrofuels-mainmenu-75/1927-we-have-no-other-way-out-than-winning-food-sovereignty-via-campesina-at-cop-21>>. Acesso em: 12 out. 2017.

VINHA, Janaina Francisca de Souza Campos; SCHIAVINATTO, Monica. Soberania alimentar e territórios camponeses: uma análise do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA). Revista NERA, Presidente Prudente, SP, Ano 18, n. 26, Ed. Esp., p. 183-203, 2015. Disponível em: <<http://revista.fct.unesp.br/index.php/nera/article/viewFile/3576/2913>>. Acesso em: 15 set. 2017.

Sobre os autores

Alexandre Eduardo de Araujo – Graduação em Agronomia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) (1999); Mestrado em Engenharia Agrícola pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) (2002); Doutorado pela Engenharia Agrícola pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) (2006); Atualmente é professor associado do Centro de Ciências Humanas, Sociais e Agrárias, do Departamento de Agricultura da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Bananeiras, Paraíba; **OrcID** – <http://orcid.org/0000-0002-1422-9864>

Luana Fernandes Melo – Graduação Agroecologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) (2016); Graduação em Nutrição pela Faculdade Maurício de Nassau (2017); Mestrado em Ciências Agrárias com ênfase em Agroecologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) (2018); Doutorado em andamento em Extensão Rural pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM); **OrcID** – <https://orcid.org/0000-0002-0917-0706>

Luana Patrícia Costa Silva – Graduação em Ciências Agrárias pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) (2010 Mestrado em Ciências Agrárias com ênfase em Agroecologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) (2014); Doutorado em andamento em Educação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) (2016); **OrcID** – <http://orcid.org/0000-0002-7949-0975>

Como citar este artigo

ARAUJO, Alexandre Eduardo; MELO, Luana Fernandes; SILVA, Luana Patrícia Costa. Juventudes camponesas: protagonizando esperanças, emancipando sujeitos. **Revista NERA**, v. 21, n. 44, p. 116-133, set.-dez. 2018.

Declaração de contribuição individual

As contribuições científicas presentes no artigo foram construídas em conjunto pelos (as) autores (as). As tarefas de concepção e design, preparação e redação do manuscrito, bem como, revisão crítica foram desenvolvidas em grupo. O autor **Luana Fernandes Melo** ficou especialmente responsável pelo desenvolvimento teórico-conceitual; o segundo autor **Luana Patrícia Costa Silva**, pela aquisição de dados e suas interpretação e análise; e o terceiro **Alexandre Eduardo de Araújo**, pelos procedimentos técnicos e tradução do artigo

Recebido para publicação em 06 de julho de 2017.

Devolvido para a revisão em 18 de abril de 2018.

Aceito para a publicação em 12 de maio de 2018.
